

# O currículo secundário e o humanismo científico

DJACIR MENEZES

*Prof. da Faculdade Nacional de Filosofia*

TORNOU-SE uma observação trivial a de que a ciência permitiu maior domínio e contrôle das forças naturais aumentando a *liberdade* humana graças à maior compreensão e consciência das necessidades naturais. Passou-se a novas técnicas baseadas em conhecimentos, mais avançados, provendo a mente de *intellectual instrumentalities*, para empregar a expressão de DEWEY — e nessa transição não foram poucos os conflitos contra preconceitos e artifícios, os “ídola” denunciados pelo gênio de BACON.

Dêsse esforço para utilizar socialmente as energias físicas resultou o progresso científico que se verificou a partir da chamada “revolução industrial”. Mas é recentemente que se acentua ante o drama contemporâneo e suas misérias — a convicção do valor social da ciência suscitando o sentimento de responsabilidade dos homens de pensamento.

O “humanismo científico” dos nossos dias deriva dessa civilização essencialmente técnica que nos cerca e cujos problemas se alongam fora do perímetro dos estudos clássicos e literários. O bem-estar social impõe diretivas morais a todos que participem, em qualquer grau, do processo educativo destinado a aprofundar a visão humana dos valores criados.

A intimidade de contacto entre os povos e entre os intelectuais das latitudes mais diversas atinge a ponto dantes desconhecido — e as idéias são mais do que nunca “*suggestions for activities to be undertaken for experiments to be tried*” (1), não se insulando dos processos compreendidos nos métodos gerais de ação.

## II

Admite-se que os homens dirigentes do Império se aprimorassem na educação beletrística indispen-

sável aos torneios parlamentares, abeberando-se dos conhecimentos históricos e linguísticos com que forravam sua experiência de estadistas — e, seja dito de passagem — ressalvaram sempre uma aguda intuição das realidades, intuição que furava através daquelas camadas de erudição para indicar-lhes a linha oportunista dos interesses nacionais. No quadro duma nacionalidade atrasada, com os fundamentos na vida rural e na instituição servil — a educação teria que colimar necessariamente objetivos diferentes. As escolas superiores formavam minorias brilhantes — a *jeunesse dorée* dos latifúndios bem sabida no seu latim e nos seus clássicos.

As lentidões de comunicação dentro do país e internacionalmente não ameaçavam essa tranquilidade quase colorida de saudades românticas, na sociologia nacional, pela magia evocativa de Gilberto Freyre.

## III

Às portas da siderurgia, consagrando heróis da F.E.B., rodeado de imperialismos vigorosos minados por contradições tremendas — o Brasil tem o dever de abrir os olhos moços para a compreensão dessa civilização necessariamente técnica. De fato — dir-me-ão — os programas estão recheados de ciência.

O espírito adolescente não quer apenas saber a composição química dos corpos, a fórmula de MOIVRE, a teoria ondulatória da luz, a força expansiva dos gases. A curiosidade é também para a sociedade, para sua organização, para seu funcionamento. Não basta mostrar a estrutura dos corpos químicos — é preciso mostrar a estrutura dos grupos sociais, o sentido da vida contemporânea e de suas agitações.

(1) JOHN DEWEY, *Reconstructions in Philosophy*.

Redarguir-se-á que seria sobrecarregar mais o currículo — e que essa matéria pertence a cursos superiores especializados.

Aí reside outro engano. A sociologia dos velhos tempos, cheia de controvérsias filosóficas, acabou organizando-se em ciência fundamental à formação da mentalidade discente.

Quando combatíamos essa concepção, escrevemos no ano passado:

“Ainda recentemente, um luminar das ciências sociais, o professor DONALD PIERSON, da Faculdade Livre de Sociologia de São Paulo, em curso no D.A.S.P. traçava, com meridiana clareza, o verdadeiro conceito de sociologia, distinguindo-a da filosofia social, da ação social, da ética social, do pensamento social. Já passou o seu tempo de nebulosa, donde se retirava tudo aquilo *et quibusdam aliis*. O objetivo da sociologia não é o que se acha criticado no plano que comentamos; nesse passo estamos de acôrdo, e se há quem repita êsses conceitos passados, quando corria muito “léroléro” como sociologia, não devemos perder tempo em refutá-los. Isso exprimiria apenas que há alguns retardados dormindo nos velhos textos, sem escutar o rumor do trabalho da jovem ciência.”

“Quando o plano menciona a sociologia como “enciclopédia”, apontando-a como *mens-trum immane et ingens*, merece todo apoio: êsse “monstro” — o têrmo é um pouco forte — enche os nossos programas, contendo tudo — é a *pantosofia*, de que falava TOBIAS BARRETO! Por isso êle lhe negava o caráter de ciência. Pois se nossos programas estão assim entupidos com esse acêrvo indigesto, realmente cumpre-nos remover os *disjecta membra*, transportá-los ao cemitério da história da sociologia, e tratar de confeccionar os novos programas da ciência que se está ultimando, com suas pesquisas sôbre a vida social, seus processos, seus métodos de verificação e observação. . .”

“Assim, ela não é mais a mistura de conhecimentos de geografia humana, de ecologia humana, de antropologia cultural de outras ciências que também estudam o “social”. Seus propósitos estão nitidamente circunscritos: estudar a ação conjugada de sêres biologicamente apartados, graças a processos de inte-

gração dos indivíduos na vida do grupo. Essa ação *consistente*, segundo a expressão daqueles sociólogos, traduz justamente os processos da vida associativa que se exerce pela organização de interrelações e ajustamentos entre indivíduos e grupos, em funções das necessidades da existência comum.

“É evidente que a sociologia está condicionada às finalidades coletivas mais que qualquer outro ramo do conhecimento humano. Não visa servir a partidos ou seitas, mas à comunhão nacional. Seus julgamentos são “julgamentos de realidade”, não “julgamentos de valor”; êstes tecem as doutrinas. . .”

Mas poder-se-ia simplificar o currículo, esvaziando-o do acervo que não corresponda às necessidades atuais, abrindo espaço à Sociologia, à Economia, à Psicologia, em grau e nível pré-universitário como acontece na América do Norte, cujo fascínio é tão forte aos nosos olhos: — e o seu mais belo exemplo é o das suas instituições educacionais.

#### IV

Não enveredamos pelo debate clássico de “humanismo” e “naturalismo”.

A própria orientação adotada nesse arrazoado é a do sentido profundamente humano da ciência, que sempre compreendemos como processo social e histórico dentro dos interêsses vitais dos grupos humanos.

Essa diretriz não repele necessidade de bom estudo das técnicas fundamentais, entre as quais está o domínio dos recursos da língua portuguesa. Mas não pensamos que se escreva melhor porque o aprofundamento do latim o auxilie. Diz-nos ANTÔNIO SÉRGIO:

“Frequêntes vêzes, os que não se dispensam de estudar latim entusiasmam-se muito com o falar do povo. — Eis a fonte — decretam êles — olhem Camilo, que aí foi beber! — O povo é fonte? Muitíssimo bem; e onde é que o povo aprendeu latim?”

Nessa conferência pontilhada de observações sagazes, o escritor lusitano se ocupa em longa demonstração da desnecessidade do estudo das línguas mortas para o aprendizado das vivas, cujo domínio

é indispensável para a enunciação precisa e clara do pensamento (2).

## V

J. A. LAWERYS, na Conferência de Londres, em 1941, onde se reuniram grandes expoentes da ciência mundial, escreveu que o “currículo das nossas escolas é um cozinhado herdado, na maior parte da época pré-científica. A sua estrutura e conteúdo só podem justificar-se pelo recurso a teorias que sabemos erradas... O que é necessário é um currículo planeado em torno das ciências naturais e dos estudos sociais, em vez dum outro centrado nas pesquisas linguísticas e literárias”.

Refere-se a escolas e programas que são mais aperfeiçoados que os nossos.

A atitude científica, a educação científica, o método científico, não se compilam em receitas porque são atitudes internas, modalidades do pensamento que se disciplina em hábitos adquiridos pela experiência no trato com os problemas.

Dessa maneira, o ensino “ajuda a explicar a organização social, serve para habituar o povo a pensar no conhecimento em termos de bem-estar humano, — numa palavra, torna-se humano permanecendo científico”.

## VI

Se afastamos a título de ocultar certos problemas e adormecer mais quietamente o ambiente

(2) ANTÔNIO SÉRGIO, *Ensaio*, V. 2, Lisboa.

das escolas, o estudo de aspectos e conflitos sociais, rompemos com a unidade que deve existir entre a escola e o ambiente social, insulando-a hipòcritamente — e preparando resultados catastróficos.

“A nossa esperança de progresso — escrevem OGBURN e NEUMAYER — está antes no contròle da evolução social do que na natureza humana, hereditária, mutável” (3). E todos os problemas relativos ao contròle da mutação cultural situam-se dentro de disciplinas banidas ou quase banidas do currículo secundário superlotando com particularidades de conhecimentos votados ao esquecimento, enquanto o meio social espicaça e fortalece a curiosidade do aluno em direção das coisas sociais.

As próprias ciências físico-matemáticas perdem sua aparente aridez de formas vãs ideais quando entram em contacto com os interesses sociais e a história, vistas então, como criações do esforço humano e da solidariedade das gerações (4).

Sejamos científicos: procuremos pelo estudo o caminho para as evoluções pacíficas e fortaleçamos a convicção nos valores vitais que têm de se realizar por via racional e inteligente. *Pax, Labor, Scientia*.

(3) OGBURN e NEUMAYER, *A Sociedade e a Comunidade*, Ed. Nacional S. Paulo.

(4) DJACIR MENEZES, *Preparação ao Método Científico*. São Paulo, 1938. Biblioteca da Divulgação Científica.